



M.A. KUZNIAR

A GUARDIÃ DOS DESTINOS

*Ela será capaz de recuperar
suas próprias memórias?*



FARO
EDITORIAL

M.A. KUZNIAR

TRADUÇÃO ANA RODRIGUES

A GUARDIÃ DOS DESTINOS

*Ela será capaz de recuperar
suas próprias memórias?*





CAPÍTULO UM

Praga, 1769

Thea desceu apressada por uma rua sinuosa, os bolsos cheios de punhados de rosa-mosqueta e tomilho fresco, uma única pena de corvo presa atrás da orelha. A cesta de amoras pendurada em um dos braços balançava a cada passo, enquanto a capa de veludo esvoaçava atrás dela como um espectro. Estava atrasada. Atrasada demais para parar e admirar os arredores.

Praga, com suas torres cintilantes e cúpulas de sonho, parecia uma cidade encantada. As ruas de paralelepípedos e o aroma das guloseimas amanteigadas faziam parecer que havia um toque de magia no ar. E havia... Mas só quando se sabia onde procurar. A maior parte das pessoas não fazia ideia de que a magia existia, muito menos que havia um Bairro Mágico secreto escondido bem debaixo de seus narizes em Praga.

Thea atravessou correndo a Ponte de Praga e seguiu direto para a estátua mais antiga, que montava guarda: São João Nepomuceno. Ali ela fez uma pausa para olhar ao redor da ponte. Alguns clientes se apressavam para comprar o que precisavam, algumas carruagens passavam sacolejando, uma criança deixou cair um biscoito. Mas, bem quando Thea pressionou a mão na base de pedra de São João, encontrou o olhar penetrante e verde-esmeralda de uma desconhecida.

Quando a proteção mágica — um escudo invisível que mantinha afastados visitantes indesejados e encrencas — reconheceu Thea como uma das suas, ela foi envolvida por um sussurro invisível de magia, ocultando-a e a tudo que fosse... *incomum* da vista de todos.

Os olhos da mulher se arregalaram enquanto ela procurava ao redor no lugar agora vazio. Thea fez uma careta, esperando que a estranha atribuísse seu desaparecimento a um devaneio vívido ou a um momento de vertigem — era impressionante o quanto a maioria das pessoas era desatenta.

As estrelas de São João cintilaram, girando ao redor de sua cabeça como uma galáxia e, com um gemido profundo, a base da estátua se abriu, revelando uma escadaria em espiral.

Aqueles degraus deveriam conduzir a uma câmara escura subterrânea, sob as ruas da cidade. E de fato conduziriam, se o mundo obedecesse à lógica e à razão. Se não fosse uma gloriosa teia de magia e capricho. Em vez disso, quando o pé de Thea tocou o último degrau, ela emergiu em um emaranhado de ruas estreitas com curvas e esquinas em ângulos agudos como adagas: o Bairro Mágico, o coração de todo o encantamento em Praga. O lugar era envolto por névoa e cercado por velhos carvalhos vigilantes que abrigavam um parlamento de corujas que anunciavam as horas. Uma bruxa do clima estava ocupada apagando a luz de bruxa que tremulava em cada poste, e corvos-mensageiros, alguns carregando pequenos pacotes, voavam em todas as direções.

Thea sorriu, enchendo os pulmões com o aroma de caramelo e chocolate quente. *Lar*. O Bairro Mágico era um dos poucos refúgios seguros para pessoas mágicas na Europa, onde não havia exorcismos para fantasmas nem uma estaca de madeira para o vampiro solitário e rangente que morava no sótão de sua loja de antiguidades, a Cripta. Era verdade que a imperatriz Maria Teresa proibira a queima de bruxas e a tortura no ano anterior, em 1768, mas as bruxas — as bruxas *de verdade* — ainda preferiam permanecer escondidas. E o bairro em que viviam era protegido por encantamentos que mantinham quase todos afastados: a magia era um segredo em que a maioria das pessoas não podia confiar. Aqueles que podiam encontravam o caminho até ela — a magia procura aqueles que merecem saber.

Uma coruja empoleirada em um dos carvalhos anunciou as horas para ela. Thea gemeu e seguiu apressada por uma fileira de lojas com as fachadas de pedra pintadas em tons pastéis parecendo uma caixa

de confeitos: Casa de Biscoito; Zdenka: Leituras do Destino; loja de Fleur. As placas cintilavam à medida que Thea passava. Fleur acenou, ignorando alegremente os clientes que a aguardavam enquanto se debatia contra um vestido exuberante na vitrine. Uma rajada de vento outonal fez folhas secas deslizarem com besouros sobre as botas de Thea.

No meio da rua ficava a Botica Stiltskin, um prédio de três andares pintado de verde-menta, com um telhado em mansarda, curvo, uma abundância de janelas e um cata-vento dourado no topo que exibia um animal diferente cada vez que Thea olhava para ele. Naquele dia era uma lebre.

Uma longa fila serpenteava para fora da porta. A lebre do cata-vento mexeu o nariz, ansiosa. Thea fez uma careta e apressou ainda mais o passo. O nascer do sol a encontrara caminhando às margens do Moldava, recolhendo ingredientes frescos para suas poções, juntamente com pequenas curiosidades que encontrava em suas caminhadas matinais. Com os dedos arroxeados de tanto colher amoras silvestres, ela acabara perdendo a noção do tempo até se dar conta, sobressaltada, de que estava atrasada.

— Peço desculpas.

Thea recebeu os resmungos que ouviu com seu sorriso mais doce, e remexeu nos bolsos da capa, retirando delicados ossos de pássaros e uma pedra oval polida que encontrara na margem do rio, antes de, enfim, localizar a chave.

Estava escuro dentro da botica, iluminada apenas com a luz da grande lua que pendia de uma corrente de bronze no centro do lugar e reproduzia as fases da lua verdadeira — que naquele momento era um fino crescente. Thea passou os olhos com atenção pelo piso de madeira reluzente, pela escada em espiral que subia até o mezanino e pelos corrimãos que poliu no dia anterior. Prateleiras ocupavam cada canto e fresta, do chão ao teto, acompanhando cada tábuia inclinada, cada parede torta, cada viga de madeira, gemendo sob o peso de fileiras e mais fileiras de frascos de vidro. Contrastando com a madeira escura, as paredes eram de um suave verde-primavera, pintadas à mão com flores silvestres.

Ela pousou a cesta e correu de luminária em luminária, iluminando a penumbra espessa com a luz suave das velas enquanto os clientes se espremiavam para entrar, disputando espaço e trocando fofocas. Em alguns dias, a botica cheirava a uma praia salgada. A um campo coberto de flores. Ao estalar de uma tempestade prestes a chegar. Naquele dia,

cheirava a chuva. Chuva e lilases. Thea inspirou fundo e então se posicionou atrás do grosso balcão de carvalho, colocou os cabelos dourados atrás da orelha e sorriu para o primeiro cliente do dia. Sorrisos não custavam nada, mas espalhar felicidade não tinha preço. Ela tirou a capa, pendurou em um gancho de latão do lado de dentro do balcão, alisou o vestido verde-esmeralda e amarrou um avental na cintura.

— Meu filho está com um caso terrível de furúnculos — anunciou uma mulher corpulenta, de cabelos desgrenhados, empurrando o garoto em questão para a frente. — Mostre para ela, Geoffrey.

— Não é necessário... — começou Thea, mas era tarde demais... a camisa do garoto foi arrancada, e os clientes mais próximos recuaram como se aquilo fosse contagioso.

Alguns pixies dispararam para trás do balcão.

Paní Dagmar, uma bruxa idosa que Thea não viu também estar na fila, inclinou-se para observar Geoffrey mais de perto.

— Eu pagaria muito bem se me permitissem lancetar um deles — se ofereceu ela alegremente. — Não se deve desperdiçar um bom ingrediente, sabem como é...

— Aqui está um unguento — interrompeu Thea quando a expressão da cliente coalhou como leite azedo, e pegou um pote de creme curativo da prateleira mais próxima. — Isso deve resolver o problema imediatamente.

Ela estreitou os olhos para Paní Dagmar em advertência.

A cliente examinou o frasco de vidro. O conteúdo tinha uma cor bege inocente, salpicada de pétalas de calêndula, embora emitisse um brilho tênue graças à pitada de luminescência de fantasmas que Thea adicionara para fazer aqueles furúnculos desaparecerem.

— Isso é magia mesmo? — sussurrou a mulher.

Thea sorriu e deduziu que aquela devia ser a primeira visita deles ao Bairro. Poucas pessoas sem magia tinham permissão para atravessar a entrada protegida por encantamentos. Apenas aqueles que realmente precisavam do Bairro, cujas intenções eram puras, podiam entrar naquela bolha protetora criada por feitiços.

— É, sim.

— Você é uma bruxa? — perguntou Geoffrey. — Todo mundo diz que bruxas de verdade não existem, mas essa rua apareceu do nada enquanto atravessávamos a ponte hoje!

Antes que Thea pudesse explicar onde eles foram parar, Paní Dagmar se intrometeu.

— Não, não, queridos. Thea não é uma bruxa.

A cliente ergueu os olhos do pote.

— Não é? — perguntou com o cenho franzido.

— Não... — começou Thea.

— Ah, não — repetiu a bruxa idosa, com uma risadinha. — Ela é muito pior do que isso!

A confusão da cliente agora parecia mais espessa que neblina. Thea esfregou a testa.

— Sinceramente, Paní Dagmar, isso não está ajudan...

— Ela é *humana* — confidenciou Paní Dagmar, piscando exageradamente para Thea.

— Vocês estão no Bairro Mágico — disse Thea em voz alta, decidindo ignorá-la. — Ele se revelou a vocês porque foram considerados dignos de entrar, mas, se não têm certeza de que estão prontos para experimentar magia, podem tentar a botica da Cidade Velha. — Thea hesitou... não era de se gabar de suas próprias habilidades, mas acreditava firmemente que ninguém deveria diminuir a si mesmo para o conforto dos outros. — Mas os produtos deles são feitos com óleo de escorpião e esterco de pombo, e posso garantir que não funcionarão mais rápido que os meus... se é que funcionarão.

Geoffrey fez uma careta de nojo.

— Houve um motivo para permitirem a entrada de vocês no Bairro Mágico — continuou Thea, em tom mais suave. — Os encantamentos só permitem a entrada daqueles que precisam de nossos serviços, daqueles que não nos desejam mal. A última coisa que eu iria querer é vender algo prejudicial a vocês. Acreditem em mim, estão seguros aqui.

Ela abriu um sorriso caloroso.

A cliente concordou com a cabeça, entregou algumas moedas a Thea, e se afastou arrastando Geoffrey pela multidão enquanto ele observava boquiaberto as prateleiras repletas de poções e elixires. O próximo cliente se adiantou para compartilhar suas aflições. Pessoas mágicas afluíam à botica de Thea e, estivessem tristes, doentes ou apenas querendo conversar, ela fazia questão de sorrir para cada uma delas. Todos tinham a própria história, e nunca se sabia em que página ela estaria naquele dia. Por isso pintara as

paredes com um campo de flores silvestres: margaridas e narcisos, lilases e galantos. Mesmo no outono, quando as noites chegavam cada vez mais cedo, entrar na botica era como experimentar um gole de luz do sol.

Thea despachou um vampiro visitante com um frasco de tinta para contar histórias, preparada com as cinzas de uma fogueira para a qual lera em voz alta seus contos favoritos durante a parte mais profunda da noite, além de uma única pena de um pássaro de fogo. Cada frase escrita com aquela tinta de carvão concederia ao escritor a habilidade de um poeta. Então, serviu a Pani Dagmar um creme espesso embebido em mel e lírios-da-amizade, que suavizava a pele e fazia flores desabrocharem por onde a pessoa passasse, e depois enxotou o par de pixies sorrateiros de trás do balcão. As unhas compridas deles estavam cobertas com o mel que ela guardava ali para adoçar seus chás.

Foi então que a viu: uma jovem, provavelmente no fim da adolescência. Seu olhar era furtivo; os olhos, anuviados. Assombrados por algo além da falta de sono. Aquela era sempre a aparência dos que chegavam ali em busca de algo que apenas a Botica Stiltskin podia oferecer. Os que estavam desesperados o bastante para pagar o preço exigido por lorde Stiltskin.

O peito de Thea se encheu de pesar — ou se encheria, se ela tivesse um coração. Em vez disso, em seu peito vivia um feitiço. Ela conseguia senti-lo quando pressionava a mão ali: vibrando como as asas de um pássaro de papel. Thea podia ser uma das poucas humanas no Bairro Mágico, mas ela mesma estava entrelaçada à magia em sua própria essência.

A jovem entrou na loja, fingindo examinar um molho de bagas de sorveira presas a um fio carmesim. Thea tentou ignorá-la, ocupando-se com uma sequência de clientes. Sabia o que veria se encontrasse seus olhos: a esperança que brilharia neles. Mas a confiança daquela moça nela era equivocada.

Pelo canto do olho, Thea observou a jovem se aproximar. Ela usava o uniforme de uma criada, engomado e impecável, os cabelos cuidadosamente presos, embora mordesse o lábio inferior sem parar. As mãos estavam vermelhas, ásperas demais para alguém de sua idade. A apreensão apertou o estômago de Thea... já tinha visto gente demais como aquela moça.

Por fim, o movimento da manhã diminuiu até virar apenas um fio de clientes, e a botica foi se esvaziando até que a lua crescente suspensa brilhou sobre a vasta extensão vazia do piso de carvalho escuro, banhando tudo com um brilho perolado, como se estivessem dentro de

uma concha. Esvaziou o bastante para que a moça encontrasse o olhar preocupado de Thea por cima do balcão.

— Disseram que você poderia me ajudar — sussurrou ela, torcendo as mãos.

A menina era jovem. Jovem demais para pagar o preço necessário. O pulso de Thea acelerou de pura compaixão, e seu sorriso vacilou pela primeira vez naquele dia.

— Disseram errado.

A moça piscou. Uma vez. Duas. Então, balançou a cabeça e apertou os lábios. A determinação fortaleceu sua voz. Tornou-a mais alta.

— Por favor. Preciso de ajuda com meu local de trabalho, e me disseram que este era o lugar certo para conseguir.

— Escute...

Thea olhou ao redor para se certificar de que estavam sozinhas. Não havia um único cliente, nem pixies ladrões de mel à vista.

— Al...

— Sem nomes — se apressou a dizer Thea, quase irritada. Então, fechou os olhos por um instante e se inclinou para a frente, o balcão pressionando seu estômago enquanto a náusea subia por sua garganta.

— Eu posso ajudar você, mas o preço é alto...

A jovem enfiou a mão nos bolsos do avental.

— Eu tenho economias...

— Não é de seu dinheiro que eu preciso — disse Thea, triste. — Não para isso. Você precisará pagar com tempo.

A determinação da moça vacilou.

— Pense bem. Tente encontrar outra solução. Porque alterar o destino não é algo que eu mantenha em minhas prateleiras, não é tão simples quanto beber um elixir. — Thea a encarou, imprimindo às palavras toda a gravidade que elas exigiam. — Trata-se de um último recurso.

A jovem engoliu em seco visivelmente.

— E se ainda assim eu quiser seguir em frente?

Thea suspirou.

— Volte depois que o sol se puser, quando a botica estiver fechada e a noite estiver silenciosa. Dê duas batidas firmes na porta dos fundos.

O restante do Bairro sabia que Thea usava o poder emprestado de Jasper, mas ela preferia trabalhar sob a proteção da escuridão, tanto

pela privacidade de seus clientes quanto pela própria segurança, devido a alguns dos serviços que oferecia.

A jovem concordou com a cabeça e saiu apressada, fazendo o sino tocar quando voltou para a rua e foi embora rápido. Com sorte, ela nunca mais voltaria.

Depois que a moça partiu, houve uma breve onda de movimento: uma variedade de pessoas mágicas vindas de diferentes partes de Praga e do próprio Bairro passou pela loja, além do terceiro cliente novo do dia de Thea — um visitante que estava claramente encantado por conhecer o Bairro Mágico. E, ao que parecia, a necessidade que lhe permitira atravessar as barreiras mágicas foi apenas o desejo de ter um pouco de magia na vida — algo que acabou sendo tão prazeroso para Thea quanto para ele. Ela o despachou com um frasco de bolhas de sonho: um lindo elixir azul-petróleo que prometia tanto os banhos mais espumantes quanto os sonhos mais doces. Seu bom humor desabrochou ainda mais com a chegada de uma de suas clientes regulares não mágicas favoritas da cidade, Alena Böhmová, uma cantora de ópera tão fabulosa quanto celebrada.

— Os ensaios têm acabado comigo esta semana. Por favor, diga que minhas pastilhas para a garganta estão prontas.

A voz de Alena saiu rouca enquanto ela levava uma das mãos ao pescoço, protegido do frio do outono por um lenço de seda vermelho-rubi combinando com o vestido. Embora ela não estivesse usando maquiagem, seus cabelos estavam presos em um elaborado penteado de cachos empoados cinza-pérola, e um pequeno adorno em formato de estrela permanecia colado a sua testa — Thea jamais a vira sem ele.

— Tenho o suficiente para durar o inverno todo. — Thea pegou vários potinhos de vidro cheios de balas duras de um curioso tom de azul que se alterava e se aprofundava conforme a luz incidia sobre elas, como água de rio. — Embora eu também recomende mel com limão e que tente não falar fora do teatro — acrescentou, embrulhando os potes em papel e trocando-os pelas moedas que Alena já havia deixado sobre o balcão.

Alena pegou os potes com avidez.

— Sim, sim, serei uma santa. Uma santa silenciosa — declarou, falando tanto com as mãos quanto com as palavras, ambas igualmente enfáticas. — Você é mágica, querida Thea, tão mágica quanto isto.

Thea sorriu. Alena era uma mulher nascida para os palcos. Ninguém conseguiria silenciar aquela voz, nem mesmo a própria Alena.

— O que exatamente você coloca nisso para adoçar minha voz de uma forma tão maravilhosa? — Alena lançou a Thea um olhar perspicaz.

— Raiz de alteia, uma lágrima de fada e o canto de um rouxinol, capturado em mel — respondeu Thea, sem conseguir esconder um toque de orgulho.

A receita era criação sua. Talvez não fosse uma bruxa, mas qualquer pessoa podia fazer uma poção, desde que conseguisse os ingredientes certos — aqueles com uma pitada de magia — e Thea tinha um talento especial para encontrá-los.

Alena soltou um suspiro dramático.

— Isso soa tão belo quanto uma canção.

Depois que Alena foi embora, Thea vestiu um avental e atravessou os fundos da loja, seguindo ainda mais para trás, até que a atmosfera sombria da botica deu lugar a uma exuberante região selvagem. Flores, ervas, samambaias, musgos e até árvores se erguiam até um alto teto de vidro, que revelava uma abóbada de céu infinitamente azul que não combinava em nada com o cinza carregado visível pelas janelas da botica.

Aquele era o refúgio de Thea. Seu santuário. As árvores balançaram os galhos em saudação, e as samambaias farfalharam de entusiasmo ao vê-la. Aquela parede da Botica Stiltskin fazia divisa com a Cesta de Rosas, loja e lar de Rose — a vizinha era uma bruxa dos jardins, e o motivo de a selva de Thea ter um pouco mais de personalidade do que a maioria das plantas que encontrara na vida. A magia não acreditava em fronteiras organizadas.

Ela esvaziou em cima da bancada a cesta de amoras-pretas que colheira mais cedo, e suas mãos logo começaram a seguir a rotina, permitindo que a mente voasse livre e selvagem. Thea amava fazer poções, mas não era uma bruxa. Paní Dagmar estava certa quanto a isso.

Às vezes, ela se perguntava como seria. Ter a vibração da magia inata ao alcance das pontas dos dedos. Ser capaz de conjurar uma esfera de luz de bruxa por capricho, cultivar árvores que dançavam ou governar os céus. Havia tantos tipos de bruxas, cada uma nascida com uma afinidade diferente, como as bruxas do clima ou as bruxas da cozinha. Ela sempre achara que seria uma bruxa dos jardins, se fosse uma.

Mas não. Thea era humana. Uma humana presa entre dois mundos.

Ela esmagou as amoras com um pilão e um almofariz perdida em pensamentos. Há sete anos, era exatamente como a jovem que aparecera na botica. Esperançosa. Confiante. Encontrara o caminho até a porta dos fundos daquela botica e batera ali, trocando tudo o que tinha por uma vida nova. Dando o próprio coração em troca, e se tornando incapaz de amar qualquer pessoa.

E agora nem conseguia lembrar o motivo.

Thea esmagou as amoras com mais força, transformando-as em polpa, depois em líquido, quando sua primeira lembrança emergiu. Há sete anos. De pé diante da botica ao lado de um estranho. Lorde Stiltskin, proprietário da Botica Stiltskin, tão devastadoramente bonito quanto frio.

— Nosso acordo está concluído, então — disse ele, enquanto o choque a deixava silenciosa, incapaz de reagir. — Conforme o contrato que firmamos, você será minha nova aprendiz e deverá residir aqui para administrar tanto o funcionamento diário da botica quanto os acordos com o destino que concordou em conduzir em meu nome enquanto me dedico a meus outros negócios. Você encontrará tudo de que precisa para viver confortavelmente nos aposentos do andar superior. Vou deixá-la agora para que se familiarize com tudo e retornarei em três dias para iniciar seu treinamento. O destino é um senhor difícil, mas, com o tempo, tenho certeza de que você será capaz de moldá-lo a sua vontade. Afinal, meu poder corre em suas veias agora. Não me decepcione.

— Não me lembro de quem eu sou — conseguiu sussurrar Thea.

Ele inclinou a cabeça.

— Essa foi sua condição para este... acordo.

Thea franziu o cenho.

— E se eu não quiser mais cumprir qualquer barganha que fiz e da qual não me lembro? Preciso ver esse contrato.

— Eu prometi que, se você adivinhasse seu verdadeiro nome — disse lorde Stiltskin, os olhos azul-escuros fixos nos dela —, devolveria suas memórias e seu coração, e você estaria livre para partir.

Ele desenrolou uma folha de pergaminho coberta de assinaturas, mas Thea estava apavorada demais para lê-la direito. Ela levou a mão ao peito, tomada por uma sensação desconhecida. Onde antes devia existir uma batida ritmada, agora havia apenas um tremular leve demais, insubstancial demais.

— O que fez com meu coração?

Os olhos dele se desviaram para a caixa em forma de coração que segurava como um tesouro perdido.

— Eu prometo, Theodora, que cuidarei muito bem dele. Você pode não se lembrar, mas também pediu isso. O feitiço tecido aqui é uma obra-prima. Ele não falhará.

Dito isso, ele lhe entregou as chaves da botica e foi embora. Deixando-a parada ali, atordoadada.

— Não, não! — gritou ela atrás dele. — Você não pode me deixar aqui. Eu não tenho lembrança nenhuma de ter feito esse acordo!

— Um acordo é um acordo, e uma vez feito eu nunca volto atrás — respondeu ele sem se virar.

Um respingo de suco de amora atingiu o rosto de Thea no presente, arrancando-a das lembranças.

Ela limpou o suco e piscou várias vezes. Então, coou o líquido para separá-lo da polpa em uma panelinha de cobre e colocou-a sobre a chama para ferver lentamente, acrescentando água, uma pitada de sal e um pouco de vinagre caseiro, fermentado sob o olhar vigilante de um lobo que nem sempre era um lobo, e macerou algumas folhas frescas de hortelã.

Adorava criar poções. O processo a acalmava, fazia com que se sentisse tranquila e no controle. Um contraste marcante com o poder que corria por suas veias: o poder do destino. O poder das barganhas e do equilíbrio de forças, que lhe fora concedido por lorde Stiltskin juntamente com a própria botica. Pelo módico preço do coração, das memórias e do nome de Thea. Se aquela jovem retornasse, seria esse o poder que Thea usaria para conceder os desejos dela, exigindo em troca tempo como pagamento.

— O cheiro está divino.

Thea se sobressaltou e ergueu os olhos da poção de amora.

— Desculpe, não ouvi o sino tocar.

Ela secou as mãos em um pano próximo e sorriu para o estranho por hábito, embora sua boca estivesse tensa... ele havia invadido seu refúgio.

O colete azul bordado, o paletó combinando e os culotes do homem exalavam riqueza, e seus traços delicados, a pele dourada, surgiam sob cabelos engomados e empoados. A macieira em um dos cantos corou, e suas maçãs verdes adquiriram um brilho avermelhado. O estranho apoiou um cotovelo na bancada de trabalho de Thea e espiou o conteúdo da panela.

— O que está fazendo?

Então voltou a atenção para ela, e a intensidade daquele olhar deixou o rosto dela quente. Que absurdo. Era uma mulher adulta, com cerca de trinta e cinco anos, não uma jovem alimentando uma paixão secreta. Nem uma macieira avoadada.

— Estou fazendo tinta — respondeu Thea. — Uma tinta púrpura intensa, imbuída de proteção, sorte e amor. É para escrever belas cartas que cheguem ao destino em segurança.

Ela ansiava por escrever algo bonito para enviar a um amigo distante ou a um parente. Mas, sem suas memórias, não sabia se tinha alguém no mundo. Alguém que sentisse sua falta da mesma forma que ela sentia falta da ideia dessa pessoa. Em vez disso, fazia aquela tinta para ajudar outras pessoas a se conectarem com quem amavam, mesmo que ela não pudesse.

Sentiu uma pontada de tristeza. Mas logo afastou a sensação e acrescentou:

— Posso ajudá-lo em alguma coisa?

Ela o observou melhor e percebeu que era seu quarto cliente novo do dia. Que incomum.

— Ah, sim. — Ele se endireitou. — Estou tendo problemas para dormir.

O sorriso resignado revelou uma covinha em seu rosto liso e recém-barbeado. Thea não conseguiu evitar ficar encarando aquela covinha. Parecia que a ponta de seu dedo se encaixaria perfeitamente ali.

— Tenho exatamente o que precisa.

Ela se obrigou a deixar a covinha do estranho de lado e o conduziu de volta à área principal da loja. Lá, subiu a escada em espiral até o mezanino, onde a lua pairava como uma joia suspensa.

Quando ergueu os olhos de uma gaveta forrada de veludo repleta de poções para dormir, a luz prateada brincando sobre seu rosto como luz das estrelas, o estranho estava parado no topo da escada, observando tudo ao redor com admiração.

— Isto é fascinante, Paní...?

— Thea está ótimo — respondeu ela, um pouco tímida, abrindo mão de ser chamada do equivalente tcheco a “Sra.”.

— Malek. — Ele inclinou a cabeça. — É um prazer conhecê-la.

De repente, o aroma de maçãs enrubescidas preencheu a botica. Thea escondeu um sorrisinho secreto e pegou uma poção do sono antes de fechar a gaveta com cuidado. Então, inclinou o frasco de vidro e ficou observando o líquido escorrer para um dos lados. Luar líquido, que emitia um suave brilho lilás.

— Adicione duas gotas disso a uma xícara de chá uma hora antes de ir dormir. Também recomendo preparar isto para acompanhar. — Ela atravessou o mezanino até uma prateleira cheia de cestos e passou o dedo pelos rótulos que escrevera com sua pena favorita e tinta brilhante como safira. — Felicidade, Amor, Sorte... Ah, aqui está. Sono.

Thea pegou vários sachês recheados com sua mistura exclusiva de valeriana, lavanda e camomila, que deixara secar sob uma noite salpicada de estrelas, e entregou tanto o chá quanto a poção a Malek, que parecia distraído.

— Amor? É realmente possível preparar um chá que faça alguém se apaixonar por nós?

— Não, não é. Essa é uma das coisas mais difíceis de se fazer, mesmo para quem tem magia correndo nas veias: roubar o coração de alguém. — Thea tocou distraidamente o colo. Então, se sobressaltou e sorriu para ele. — Isso você terá que fazer do jeito antigo.

Ele sorriu de volta, lentamente, exibindo mais uma vez a covinha. Como estavam bem próximos, ela percebeu as olheiras sob seus olhos, o tom azulado escondido sob o pó branco com que tentara disfarçá-las.

— Não mais que quatro gotas por noite — advertiu Thea.

Ela desceu outra vez e voltou ao balcão para registrar a compra e receber as moedas.

— Até a próxima, Thea. — O homem se demorou dizendo o nome dela, o que provocou pequenos lampejos de prazer em Thea. — Tenho certeza de que nos veremos outra vez em breve.

Aquela covinha apareceu mais uma vez antes que ele saísse para o crepúsculo. Ao redor, o Bairro Mágico começava a se aquietar, com os clientes voltando para casa para o jantar, enquanto os aromas de comida, poções — e talvez um pouco de chuva — serpenteavam pela rua de paralelepípedos.

Thea ficou olhando Malek se afastar. Seu feitiço-coração deu uma única batida.